

JACQUES LACAN

SEMINÁRIO DE 21 DE DEZEMBRO DE 1976

A dupla banda de Moebius*

Eu me regozijo porque em função das férias vocês são menos numerosos, mas devo dizer que hoje não sou eu quem vai falar. Ele está ali, estou contente com sua presença, venha cá, porque quero lhe pedir para me substituir. Venha! É uma oportunidade que temos, não estava certo que você viria, não havia lhe telefonado.

Em um corte sistemático de um toro (o toro está aqui, o corte está ali e para distingui-lo da dupla bola vou desenhar aqui um pequeno círculo, da mesma cor do toro, que tem por efeito designar o que está no interior e no exterior do toro, figura 1) que tenha por resultado produzir uma dupla banda de Moebius, não podemos pensar o que está no interior do toro, em função do corte que fizemos, senão como conjugando os dois cortes de um modo tal que o plano ideal que os junta seja uma banda de Moebius.

Vejam que cortei o toro aqui, duplamente, pela linha verde (figura 1); se juntamos esses dois cortes com a ajuda de um plano extenso, obtemos uma banda de Moebius, e é bem por isso que o que está aqui (figura 3) e, por outro lado, o que está aqui (figura 4), constituem uma dupla banda de Moebius.

Que quer dizer dupla? Quer dizer uma banda de Moebius que se redobra e que tem por propriedade, como mostrei da última vez, não ser duas bandas de Moebius, mas ser uma única banda de Moebius que aparece assim (figura 6) como resultado do duplo corte do toro.

A questão é a seguinte: esta banda de Moebius dupla (figura 1 ou 6) é dessa forma (figura 3) ou dessa forma (figura 4)? Em outros termos, ela passa, falo de uma das voltas, diante da volta seguinte, aquela que está ali, ou detrás dela? Isso é algo que, evidentemente, não é indiferente a partir do momento em que procedemos este duplo corte que tem por resultado determinar esta dupla banda de Moebius.

É certo que a banda de Moebius se redobra tal como vemos na figura 6, e o que aparece como resultado é o que chamei de dupla banda de Moebius. Sugiro que façam a experimentação que é simples, basta tomar duas folhas de papel e desenhar nelas um S bem grande, como na figura 7, o S deve ser desenhado, primeiramente, com uma pequena curva e, em seguida, com uma grande curva. Se vocês recortam os dois em uma folha de papel dupla, verão que dobrando as duas coisas que cortaram em uma única folha de papel, obterão naturalmente uma junção da folha de papel nº 1 com a folha de papel nº 2 e da folha de papel nº 2 com a folha de papel nº 1, ou seja, obterão o que designei há pouco de uma dupla banda de Moebius.

Vocês podem facilmente constatar que esta dupla banda de Moebius se recorta indiferentemente, se assim posso me exprimir, ou seja, que o que aqui está em cima passa depois em baixo e, em seguida, tendo passado em baixo passa de novo em cima, é indiferente passar o que primeiramente passa em cima; pode-se fazê-lo passar em baixo. Constata-se com facilidade que esta dupla banda de Moebius funciona indiferentemente. Será que isso quer dizer que aqui se passa a mesma coisa (figura 6)? Que, de um mesmo ponto de vista, possamos colocar o que está em baixo em cima, ou inversamente? É bem isso, com efeito, o que a dupla banda de Moebius realiza. Peço desculpas por me aventurar em alguma coisa que não deixou de me dar trabalho, mas que é certo que é assim.

Se vocês produzirem do mesmo modo que tenho apresentado aqui esta dupla banda de Moebius, ou seja, dobrando duas páginas recortadas de tal modo que uma vá se conjugar à segunda página e que, inversamente, a segunda página venha a se conjugar à página 1, vocês terão exatamente esse resultado, acerca do qual poderão constatar que se pode fazer passar indiferentemente um, se assim posso dizer, diante do outro, a página 1 diante da página 2, e inversamente, a página 2 diante da página 1.

Qual é a suspensão que resulta dessa evidência? É que na dupla banda de Moebius, o que está antes, de um mesmo ponto de vista, é passado para trás. O que nos conduz a algo que incita, que é da ordem de um saber-fazer que é demonstrativo, no sentido em que não funciona sem a possibilidade de um-equívoco.

Para que essa possibilidade se extinga é preciso que ela cesse de se escrever, ou seja, que encontremos um meio, e neste caso exato, de distinguir estes dois casos. Qual o meio de distinguir estes dois casos? Isso interessa porque o um-equívoco é alguma coisa que substitui o que se funda como saber que se sabe, o princípio do saber que se sabe sem sabê-lo, o “lo” é um pronome que, no caso, incide sobre o próprio saber, não enquanto saber mas enquanto fato de saber. É bem nisso que o inconsciente se presta ao que acreditei dever suspender sob o título de “um-equívoco”.

O interior e o exterior concernentes ao toro são noções de estrutura ou de forma? Tudo depende da concepção que se tem do espaço, e direi, até certo ponto, do que pontuaremos como a verdade do espaço.

Há certamente uma verdade do espaço que é a do corpo. O corpo é algo que não se funda a não ser sobre a verdade do espaço. É bem nisso que a espécie de dissimetria que coloco em evidência tem seu fundamento. Essa dissimetria diz respeito ao fato que designei de mesmo ponto de vista, e é exatamente isso que me importa e que queria introduzir, este ano.

Há uma mesma dissimetria não apenas concernente ao corpo mas concernente ao que designei de simbólico. Há uma dissimetria do significante e do significado que permanece enigmática. A questão que queria avançar este ano, é exatamente esta: será que a dissimetria do significante e do significado é da mesma natureza daquela do continente e do conteúdo, que é, de fato, alguma coisa que tem sua função no que diz respeito ao corpo? Aqui importa a distinção da forma e da estrutura. Não foi por acaso que marquei isso (figura 8); sua forma é um toro ainda que não pareça.

Será que a forma é algo que se presta à sugestão? Eis aí a questão que coloco e avançando a primazia da estrutura. Aqui (figura 9) é difícil não introduzir isso, que é a garrafa de Klein, esta velha garrafa de Klein da qual já fiz caso, se não me falha a memória, em “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, esta velha garrafa de Klein tem, na realidade, esta forma; ela não é outra coisa senão isso, exceto que, para que isso faça garrafa, a gente a corrige assim, ou seja, a gente a faz entrar sob a seguinte forma, a gente a faz entrar aqui de um modo tal que não se compreende mais nada de sua natureza essencial. Será que, efetivamente, no fato de chamar de garrafa, não há uma falsificação em relação a que apenas sua apresentação aqui, em verde (figura 10), é algo que permite compreender com precisão e imediatamente em que a junção do direito se faz com a do avesso, ou seja, tudo o que se corta nessa superfície, sob condição de fazê-lo de modo completo, e aí ainda se encontra uma questão, implica em fazer um corte que interesse a toda superfície.

São estas as questões que coloco e que espero poder resolver este ano, quer dizer, que nos conduz a algo fundamental no que diz respeito à estrutura do corpo, ou mais exatamente, ao corpo considerado como estrutura.

Que o corpo possa apresentar toda sorte de aspecto que são de pura forma e que tenho, há pouco, colocado sob a dependência da sugestão, eis aí o que me interessa. A diferença da forma, enquanto é sempre mais ou menos sugerida, com a estrutura, é o que eu gostaria, este ano, de colocar em evidência. Desculpe, isso não é seguramente o que de melhor eu gostaria de colocar em evidência, para vocês, esta manhã. Tive o cuidado, me comprometo, é o caso de dizer, não é a primeira vez, me comprometo em relação ao que tenho de dizer diante de vocês, e é por isso que vou dar-lhes a oportunidade de ter alguém que será, esta manhã, melhor orador que eu, quero dizer, Alain Didier, que está presente e que convido a vir lhes enunciar o que ele tirou de certos dados que são meus, que são esboços de escrita e que ele gostaria de lhes apresentar.

* Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 15 de Setembro de 1998.